

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## OS BENEFÍCIOS E FRUTOS DA JUSTIFICAÇÃO: UMA ANÁLISE DO TEXTO DE ROMANOS 5.1-11

The benefits and fruits of justifications: An analysis of the text of Romans 5.1-11

Bruno Litz<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo concentrou-se na análise do texto de Romanos 5.1-11 e buscou identificar e abordar os resultados que a justificação pela fé traz para o cristão. Em sua conclusão, o artigo demonstrou que tais resultados são a paz com Deus, o firme acesso à graça de Deus, a alegria em todas as circunstâncias, tanto na esperança da glória de Deus quanto em meio às tribulações, e a certeza do amor de Deus, que é comprovado pela prova subjetiva, a ação do Espírito Santo na consciência do cristão, e pela prova objetiva, o sacrifício expiatório de Cristo. Para o seu desenvolvimento, o artigo baseou-se na consulta de comentários bíblicos e obras de Teologia Sistemática.

**Palavras-chave:** Justificação. Benefícios. Romanos.

### ABSTRACT

This article has concentrated itself on the analysis of the text of Romans 5.1-11 and sought to identify and approach the results that the justification by faith bring to the christian. In its conclusion, the article demonstrated that these results are the peace with God, the firm access to God's grace, the joy in all circumstances, both in the hope of God's glory and in the midst of tribulations, and the certainty of God's love, which is proven by the subjective proof, the action of the Holy Spirit in the christian's conscience, and by the objective proof, Christ's expiatory sacrifice. For its development, the article was based in the query of biblical commentaries and works of Systematic Theology.

<sup>1</sup> O autor é Estudante de Teologia na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [bruno.litz@batistapioneira.edu.br](mailto:bruno.litz@batistapioneira.edu.br)

**Keywords:** Justification. Benefits. Romans.

## INTRODUÇÃO

A justificação pela fé é um dos principais temas desenvolvidos pelo apóstolo Paulo em sua carta aos cristãos de Roma. De forma resumida, ela pode ser definida como “um ato judicial de Deus, no qual ele declara, com base na justiça de Jesus Cristo, que todas as reivindicações da lei são satisfeitas com vistas ao pecador”.<sup>2</sup> Este conceito é de tamanha importância que pode ser classificado como parte fundamental do “coração do evangelho bíblico”<sup>3</sup> e seu entendimento é necessário para a compreensão correta do plano de salvação e da obra realizada por Cristo. Porém, apenas ter ciência do que é a justificação não é o bastante, também é preciso identificar e conhecer os benefícios espirituais que ela concede aos cristãos. Por essa razão, este artigo não irá se concentrar em apresentar uma definição exaustiva e completa do que é a justificação pela fé, mas irá se dedicar à análise dos frutos e bênçãos que dela decorrem para aquele que crê em Jesus Cristo. Esta análise terá como base a passagem de Romanos 5.1-11 e irá fundamentar-se em comentários bíblicos e obras de Teologia Sistemática.

### 1. O TEXTO BÍBLICO A SER ANALISADO

No texto de Romanos 5.1-11 está escrito:

<sup>1</sup>Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; <sup>2</sup>por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a essa graça na qual estamos firmes; e gloriamos-nos na esperança da glória de Deus. <sup>3</sup>E não somente isso, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; <sup>4</sup>e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. <sup>5</sup>Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. <sup>6</sup>Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. <sup>7</sup>Difícilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. <sup>8</sup>Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. <sup>9</sup>Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos salvos da ira. <sup>10</sup>Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida; <sup>11</sup>e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Tradução de Odayr Olivetti. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 473.

<sup>3</sup> WATERS, Guy. **O que é a justificação e a santificação?** São José dos Campos, 20 abr. de 2017. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-que-e-a-justificacao-e-a-santificacao/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

<sup>4</sup> **BÍBLIA Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

## 2. A PAZ COM DEUS

De acordo com o pregador galês Martyn Lloyd-Jones, quando se trata da justificação pela fé, “o primeiro resultado é que temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”.<sup>5</sup> Porém, além de entender que a paz é “a primeira bem-aventurança da justificação”<sup>6</sup> na vida do cristão, é necessário também conceituá-la da maneira correta. Como John Murray pontua, a paz “não se trata apenas da serenidade e tranquilidade de nossas mentes e corações, mas refere-se ao estado de paz que flui da reconciliação e reflete-se, primariamente, sobre nossa alienação de Deus e nossa restauração ao favor divino”.<sup>7</sup>

Dessa forma, a paz com Deus não se trata de um sentimento humano subjetivo, mas da remoção objetiva e definitiva da santa ira divina sobre aquele que crê,<sup>8</sup> concedendo-lhe um novo *status* de relacionamento com Deus.<sup>9</sup> Além disso, também é importante estabelecer uma distinção clara entre a “paz de Deus”, mencionada em Filipenses 4.7, por exemplo, e a “paz com Deus” apresentada neste texto selecionado de Romanos. Como Lloyd-Jones explica:

A “paz de Deus, que excede todo o entendimento”, é algo que diz respeito a uma situação inteiramente diversa daquela da qual o apóstolo está tratando no texto em foco. A “paz de Deus, que excede todo o entendimento”, é algo que a pessoa necessita quando está cercada de problemas, dificuldades e provações. Ela corre grave perigo de sucumbir à preocupação angustiada, à aflição e à ansiedade. [...] Mas em Romanos estamos considerando uma questão muito diferente; aqui não estamos estudando como resistir aos problemas, às dificuldades e às tribulações; aqui a questão é: como ficamos diante de Deus? O de que necessitamos nesse ponto não é a “paz de Deus”, e sim “paz com Deus”.<sup>10</sup>

É evidente que o fato de a paz objetiva ser destacada nesse texto não faz com que a paz subjetiva seja deixada de lado completamente. Conforme Hendriksen, os efeitos de tranquilidade e descanso presentes no coração e na mente do ser humano perdoado também precisam ser compreendidos como resultantes dessa nova situação diante de Deus.<sup>11</sup> Porém, o principal enfoque deve ser dado à paz objetiva, obtida através da justificação, pois é ela que caracteriza a reconciliação, processo no qual Deus remove a inimizade que tem com o pecador por meio da propiciação de sua ira.<sup>12</sup> É isso que permite o desenvolvimento de um

<sup>5</sup> LLOYD-JONES, Martyn. **Romanos**: Exposição sobre capítulo 5 – a certeza da fé. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 2000, p. 23.

<sup>6</sup> STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêdia e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000, p. 160.

<sup>7</sup> MURRAY, John. **Romanos**: comentário bíblico. 3.ed. Tradução de João Bentes. São José dos Campos: Fiel, 2018, p. 210.

<sup>8</sup> HODGE, Charles. **Romanos**. Tradução de Sharon Barkley. São Paulo: PES, 2019, p. 147.

<sup>9</sup> MURRAY, 2018, p. 210.

<sup>10</sup> LLOYD-JONES, 2000, p. 25.

<sup>11</sup> HENDRIKSEN, William. **Romanos**: Comentário do Novo Testamento. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 222.

<sup>12</sup> FERREIRA, Franklin e MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 607.

relacionamento amigável entre o homem e Deus, do qual os demais frutos e bênçãos da justificação também emergem.

Por fim, é necessário ainda destacar e lembrar a ênfase que o apóstolo Paulo dá no final do primeiro versículo para a fonte dessa paz. Ela é obtida “por meio do nosso Senhor Jesus Cristo”.<sup>13</sup> Como Calvino insiste:

Qualquer desejo de buscar a tranquilidade de consciência por meio das obras (o que percebemos entre os religiosos e os ignorantes) perderá seu tempo, porque, ou o coração se acha adormecido em razão da negligência, ou a pessoa faz ouvidos moucos aos juízos divinos, ou se deixa dominar pelo temor e tremor até que repouse em Cristo, o único que é nossa paz.<sup>14</sup>

Dessa forma, fica claro que todos os benéficos da justificação, assim como ela própria, decorrem da graça de Deus através de Jesus. A paz com Deus é dada por meio de Cristo, assim como os demais elementos que serão abordados em seguida.

### 3. O FIRME ACESSO À GRAÇA DE DEUS

Na sequência do texto bíblico, na parte inicial do segundo versículo, pode-se destacar o firme acesso à graça de Deus como um outro fruto da justificação pela fé. Esse benefício espiritual é, naturalmente, uma decorrência da paz com Deus da qual o ser humano reconciliado passa a desfrutar. Isso acontece porque, como destaca Bruce, “esta paz traz consigo livre acesso a Deus. Os ex-rebeldes não são apenas perdoados no sentido de que sua merecida punição recebeu indulto, mas são colocados num lugar em que desfrutam de alto favor de Deus”.<sup>15</sup>

Dessa forma, utilizando a linguagem empregada por Stott, o pecador justificado pela fé em Cristo é introduzido na “esfera da graça de Deus”.<sup>16</sup> Além disso, é de suma importância notar que o ser humano não é somente introduzido a essa condição de graça divina, mas passa a estar firmado nela. De acordo com a afirmação categórica de Hodge, “o estado ao qual o crente é introduzido por Cristo não é precário. Ele não tem apenas terreno firme para ficar de pé, como também força divina para permitir que ele mantenha a sua posição”.<sup>17</sup> Assim, o acesso à graça de Deus se trata de uma condição permanente e inabalável, baseada no ato concreto e historicamente localizado da justificação.<sup>18</sup>

Calvino também dá ênfase à segurança da permanência nessa esfera graciosa na qual o cristão é inserido. De acordo com o Reformador de Genebra:

Pelo termo *firmes* ele quer dizer que a fé não é a persuasão fugaz de um dia, senão que se acha tão radicada e submersa em nossa mente, que o seu prosseguimento se faz seguro ao longo de toda nossa vida. O homem, pois,

<sup>13</sup> Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

<sup>14</sup> CALVINO, João. **Romanos**. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos. Fiel, 2014, p. 203.

<sup>15</sup> BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo. Vida Nova, 1979, p. 97.

<sup>16</sup> STOTT, 2000, p. 161.

<sup>17</sup> HODGE, 2019, p. 149.

<sup>18</sup> MURRAY, 2018, p. 211.

cuja fé lhe assegura um lugar entre os fiéis, jamais é levado a crer por um súbito impulso, mas permanece naquele lugar divinamente designado para ele, com uma persistência tal, e com tal imperturbabilidade, que jamais deixa de ser fiel a Cristo.<sup>19</sup>

Assim, pode-se concluir que mediante a justificação pela fé, é possível ao ser humano reconciliado ter convicção e certeza da graça de Deus sobre a sua vida. Isso ocorre porque este estado lhe é assegurado e estabelecido por Cristo. O mesmo Cristo que concede a paz com Deus também pavimenta o caminho de acesso à sua graça.

Além de conceituar esse benefício espiritual da maneira correta, também é fundamental considerar os efeitos que o mesmo deve exercer sobre a vida cristã. De acordo com Lloyd-Jones, ao compreender o estado em que se encontram diante de Deus, os cristãos devem ter um modo específico de agir:

Devemos ir a Deus com confiança, sabendo que Ele é o nosso amoroso Pai Celestial, que tem prazer em ver-nos e em receber-nos, de um modo que vai além da nossa mais alta imaginação. Ele é “o Deus de toda a graça”. Jamais nos esqueçamos das “abundantes riquezas da sua graça”; lembremo-nos de que Sua graça é sem fim. Que direito temos nós de ser tão pobres e de viver como mendigos na esfera espiritual, quando a verdade a nosso respeito é que estamos firmes na graça?<sup>20</sup>

Por ter acesso então a esse firme e gracioso estado, o ser humano passa a ter todas as condições e motivações necessárias para ter alegria, o próximo fruto da justificação pela fé que será analisado.

#### **4. A ALEGRIA EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS**

Na sequência do texto bíblico, da parte final do segundo versículo até o quarto, outro fruto da justificação elencado pelo apóstolo Paulo é a alegria. Na maioria das traduções, a expressão “*gloriar-se*” é utilizada, portanto, é necessário compreender adequadamente o seu significado.

Em seu comentário, Hodge apresenta uma definição muito útil e profunda do termo. Segundo ele, a expressão gloriar-se:

Significa “falar de si mesmo”, “louvar a si mesmo”, “gabar-se”; depois, “parabenizar-se”, “falar de nós mesmos como gloriosos ou abençoados”; e então, “felicitar-nos em qualquer coisa como fundamento de nossa confiança e fonte de honra e bênção”. Os homens são instruídos a não “gloriar” em si mesmos, nem nos homens nem na carne, mas somente em Deus. Nesta passagem, a palavra pode ser traduzida “alegrar-se”: “nós nos alegamos na esperança”. Contudo, algo muito mais do que mera alegria é visado. É uma glória, uma autoparabenização e exultação, tendo em vista a exaltação e a bem-aventurança que Cristo obteve para nós.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> CALVINO, 2014, p. 206.

<sup>20</sup> LLOYD-JONES, 2000, p. 62.

<sup>21</sup> HODGE, 2019, p. 149.

Dessa forma, esse fruto da justificação mediante a fé consiste em um sentimento de alegria extrema e profunda, que, segundo o apóstolo, deve se manifestar tanto por causa da esperança da glória de Deus quanto em meio às tribulações. Cada uma dessas situações será vista nos tópicos seguintes.

#### 4.1 A alegria na esperança da glória de Deus

A primeira razão que o apóstolo Paulo apresenta como fonte para a alegria cristã é a esperança da glória de Deus. Conforme Murray, essa glória de Deus pode ser compreendida de duas maneiras complementares. Em primeiro lugar, se referindo à majestade e à honra do próprio Deus e, em segundo, à glória com a qual os cristãos serão revestidos e transformados na eternidade.<sup>22</sup> Sobre a glorificação futura dos crentes, Adolf Pohl apresenta um comentário pertinente. O cristão, segundo o teólogo, “brilha quando Deus brilha. Um dia. Quando ‘o reino e o poder e a glória’ forem definitivamente de Deus, isso também significará a glorificação concomitante de todos os que estão em Cristo”.<sup>23</sup>

Stott também traz uma perspectiva interessante sobre o assunto. Segundo ele, três aspectos principais estão inclusos dentro da expressão a “glória de Deus”: o retorno glorioso de Cristo como juiz à terra; a transformação dos cristãos em conformidade ao caráter de Jesus e; a libertação da criação que no presente sofre com a decadência consequente do pecado.<sup>24</sup>

Todas essas visões sobre o tema podem ser tidas como corretas, pois cada uma enfatiza e destaca algum aspecto da glória de Deus que será manifestada. Por tal razão, também é válido observar a conclusão que Hendriksen faz sobre o tema, pois sintetiza bem as posições citadas anteriormente. Conforme esse autor, “essa ‘glória de Deus’ indica a maravilhosa salvação que [Deus] tem em estoque para aqueles quem põem nele sua confiança”.<sup>25</sup>

Além de compreender os possíveis significados para a expressão “glória de Deus”, também é necessário entender o porquê de a esperança nela baseada servir como fonte para a alegria no presente. Segundo Hodge, a segurança da salvação oferecida por Cristo é tão garantida que essa firme, alegre e esperançosa confiança é a única resposta humana adequada e legítima ao mérito do sacrifício realizado por Jesus. Dessa forma, a ausência dessa alegria representa um estado de fraqueza espiritual, ou até mesmo de incredulidade.<sup>26</sup>

Calvino também sustenta essa argumentação, dizendo que não haveria razão nenhuma para o cristão gloriar-se caso não pudesse ter certeza de que será participante da manifestação da glória de Deus.<sup>27</sup> Assim, a certeza da salvação e da glorificação no futuro serve como firme e inabalável fundamento para a alegria já na vida presente.

Entretanto, essa alegria não deve se manifestar unicamente por conta da esperança do desfrute que o cristão terá da presença de Deus na eternidade, o que até poderia ser uma

<sup>22</sup> MURRAY, 2018, p. 213.

<sup>23</sup> POHL, Adolf. **Carta aos Romanos: Comentário Esperança**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1999, p. 91.

<sup>24</sup> STOTT, 2000, p. 162.

<sup>25</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 223.

<sup>26</sup> HODGE, 2019, p. 150.

<sup>27</sup> CALVINO, 2014, p. 206.

expectativa idílica.<sup>28</sup> Porém, conforme apresentado no terceiro versículo, o cristão também é chamado a gloriar-se nas tribulações, tema que será abordado no próximo tópico.

#### 4.2 A alegria nas tribulações

O apóstolo Paulo, a partir do terceiro versículo até o quarto, apresenta uma outra razão para a alegria cristã, as tribulações. Segundo Stott:

As tribulações mencionadas aqui não são aquelas experiências que nós às vezes chamamos de “provações e tribulações” de nossa existência terrena, referindo-nos às nossas dores e penas, temores e frustrações, privações e desapontamentos. A palavra usada é *thlipseis* (literalmente, “pressões”) e refere-se especificamente a oposição e perseguição por parte de um mundo hostil.<sup>29</sup>

Dessa forma, segundo este teólogo, as tribulações mencionadas por Paulo se tratam da perseguição sofrida pelos cristãos ao se manterem fiéis ao evangelho. Porém, algumas outras perspectivas devem ser consideradas. Segundo Pohl, ao falar de tribulações, o apóstolo Paulo faz uma síntese de todos os tipos de sofrimento pelos quais o cristão pode passar, que podem ser de teor físico, espiritual, intelectual, entre outros.<sup>30</sup>

Lloyd-Jones também concorda com essa segunda interpretação, defendendo a ideia de que essas tribulações podem se manifestar de diversas formas. De acordo com ele, elas podem, sim, ser resultados da perseguição, mas também podem se referir a doenças, angústias e a toda a sorte de dificuldades.<sup>31</sup> Portanto, essas tribulações devem ser compreendidas como qualquer situação que cause sofrimentos para o cristão, tanto por razões naturais quanto por motivo de perseguição.

Além de entender o que Paulo intenciona ao falar sobre as tribulações, também é necessário considerar a razão pela qual o seguidor de Cristo deve gloriar-se nelas. Conforme Stott, o cristão pode se alegrar nos sofrimentos por entender que, por trás deles, existe uma racionalidade divina. Ainda, de acordo com o autor, os sofrimentos são o único caminho para a glória, dessa forma, passar pelos primeiros serve como uma confirmação de que o crente chegará à última. Além disso, ele também destaca a eficiência das tribulações em produzir maturidade na vida cristã, o que deve ser uma causa de alegria.<sup>32</sup>

Hendriksen também apresenta dois motivos pelos quais os sofrimentos devem resultar em alegria para o cristão. Segundo o autor, “a própria *fraqueza* de um crente aflito, à feição de contraste, serve para magnificar o *poder* de Deus” e, que no período de angústias “é exatamente quando o sofredor reconhece que é fraco, mas que Deus é forte e sempre pronto a socorrer aquele que busca o socorro do alto”.<sup>33</sup> Dessa forma, as tribulações devem fazer com que o cristão se glorie pois elas o tornam mais ciente de sua dependência de Deus.

---

<sup>28</sup> STOTT, 2000, p. 163.

<sup>29</sup> STOTT, 2000, p. 163.

<sup>30</sup> POHL, 1999, p. 91.

<sup>31</sup> LLOYD-JONES, 2000, p. 84.

<sup>32</sup> STOTT, 2000, p. 163.

<sup>33</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 224.



Hodge, por sua vez, mostra que esse ensino de felicidade em meio às dificuldades encontra amparo em toda a Bíblia, pois ela mostra que o povo de Deus: considera uma honra sofrer por Cristo; se regozija ao ter a oportunidade de mostrar o poder de Deus ao ser salvo e liberto por ele e; compreende que o sofrimento é o meio para a sua própria santificação.<sup>34</sup> De acordo com o autor, é essa última causa que está presente no contexto do quinto capítulo de Romanos.

Hodge também argumenta que essas situações de angústia podem fazer com que o cristão se glorie justamente por conta do novo relacionamento que ele tem com Deus após a justificação. A reconciliação faz com que as tribulações, que antes eram expressões do desagrado e da ira de Deus, se tornem manifestações do seu amor que visam o benefício espiritual de seus filhos.<sup>35</sup>

Além dessas considerações, é necessário observar a própria justificativa apresentada no texto por Paulo a respeito da razão pela qual a alegria deve se desenvolver em meio aos sofrimentos. Segundo o apóstolo, “a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança”.<sup>36</sup> Dessa forma, as tribulações são tidas como uma fonte de alegria por conta dos resultados que geram na vida do cristão, isto é, perseverança, experiência e esperança. Como Pohl sintetiza, na trajetória cristã “as tribulações produzem uma corrente de reações positivas”.<sup>37</sup>

Segundo Murray, os sofrimentos, ao serem suportados com constância, determinação e por amor a Cristo, produzem experiência, ou seja, um caráter aprovado em meio a testes. Essa experiência, por sua vez, serve como fundamento para a confiança na ação de Deus no futuro, o que caracteriza a esperança.<sup>38</sup> Por fim, como é mencionado no texto de Romanos, essa “esperança não nos confunde”,<sup>39</sup> ou seja, ela é plenamente confiável. As razões para isso serão analisadas nos pontos subsequentes.

## 5. A CERTEZA DO AMOR DE DEUS

A argumentação do apóstolo segue mostrando que os cristãos podem ter essa segura e confiante esperança em Deus pois ela está fundamentada no amor divino por eles,<sup>40</sup> a respeito do qual eles podem estar convictos. Por isso, o restante do texto selecionado de Romanos, do quinto até o décimo primeiro versículo, irá apresentar duas razões que fornecem ao cristão a certeza de que ele está debaixo do amor de Deus. Uma dessas razões é de caráter objetivo e se trata da obra sacrificial e salvadora realizada por Cristo, a outra, de caráter subjetivo, se trata da aplicação dessa salvação à vida do cristão efetuada pelo Espírito Santo.<sup>41</sup> Cada uma dessas será considerada e abordada nos pontos em seguida.

---

<sup>34</sup> HODGE, 2019, p. 150.

<sup>35</sup> HODGE, 2019, p. 150.

<sup>36</sup> Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

<sup>37</sup> POHL, 1999, p. 91.

<sup>38</sup> MURRAY, 2018, p. 215.

<sup>39</sup> Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

<sup>40</sup> HODGE, 2019, p. 151.

<sup>41</sup> FERREIRA; MYATT, 2007, p. 660.



### **5.1 A prova subjetiva do amor de Deus**

O quinto versículo do quinto capítulo de Romanos fala a respeito da atribuição do Espírito Santo de derramar o amor de Deus no coração dos que recebem a Cristo como Senhor e Salvador. Dessa forma, após a justificação, é proporcionada à consciência do cristão a profunda e consoladora certeza de que ele é alvo do amor de Deus.<sup>42</sup> É por essa razão que essa pode ser considerada a prova subjetiva do amor divino, pois é baseada na ação do Espírito Santo na consciência do pecador reconciliado e possui relação com os sentimentos subjetivos do ser humano.

É válido também destacar que essa transmissão do amor de Deus feita pelo Espírito não é incompleta, mas é, como explica Calvino, “tão copiosa que enche o [...] coração” e permeia todo o ser daquele que a recebe.<sup>43</sup> Pohl complementa essa interpretação, afirmando que esse amor foi dado ilimitadamente.<sup>44</sup> O mesmo é dito por Hodge, que caracteriza esse derramamento como “abundante”.<sup>45</sup>

Hendriksen, ao descrever quão graciosa é a justificação, também traz uma explicação a respeito dessa prova subjetiva do amor divino. Segundo esse autor, Deus, como juiz, não apenas apaga a culpa do pecador através da obra realizada por Cristo, mas também, através do Espírito Santo, derrama seu amor no coração do crente, adotando-o como filho.<sup>46</sup> Assim, esse derramamento está profundamente relacionado à noção que o crente pode ter de seu novo estado de filiação espiritual com Deus.

Dessa forma, o cristão pode ter a certeza do amor de Deus mesmo em meio às tribulações, pois isso não é comprovado pelas circunstâncias que o cercam, mas pela obra do Espírito Santo realizada em sua consciência. Junto dessa obra, também há a prova objetiva do amor de Deus, o sacrifício de Cristo, que será abordada em sequência.

### **5.2 A prova objetiva do amor de Deus**

Por fim, a prova objetiva do amor de Deus é baseada no sacrifício expiatório de Cristo e é apresentada e explicada pelo apóstolo Paulo do sexto até o décimo primeiro versículo do texto selecionado de Romanos. De acordo com Stott, o fato de Jesus ter sido entregue à morte na cruz é a maior comprovação do amor de Deus, pois a própria essência do amor é a doação. Além disso, a intensidade desse amor pode ser medida pelo custo exigido de quem o oferece. Nesse caso, o custo foi máximo, pois exigiu a vida do próprio Deus Filho.<sup>47</sup>

Outro fator que comprova a intensidade desse amor é falta de dignidade e merecimento de seus receptores. Essa ideia é desenvolvida por Paulo nos versículos seis, sete e oito. Nessa passagem, o ser humano é classificado como pecador, ímpio, inimigo de Deus e fraco. Pecador, pois se desviou dos padrões de Deus e ficou aquém de sua justiça, ímpio, pois se

---

<sup>42</sup> STOTT, 2000, p. 163.

<sup>43</sup> CALVINO, 2014, p. 210.

<sup>44</sup> POHL, 1999, p. 92.

<sup>45</sup> HODGE, 2019, p. 151.

<sup>46</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 226.

<sup>47</sup> STOTT, 2000, p. 167.

revoltou contra Deus, ao invés de amá-lo, inimigo de Deus, pois se tornou alvo da ira divina, e fraco, por ser incapaz de salvar-se de sua condição miserável.<sup>48</sup>

Dessa forma, o amor de Deus é comprovado indubitavelmente por ser revelado de uma maneira sem paralelos.<sup>49</sup> Isso acontece porque, como Murray destaca, esse amor não é provocado pelas qualidades daqueles que o recebem, nem mesmo pelas qualidades que possam vir a desenvolver, mas é exclusivamente originário da bondade de Deus.<sup>50</sup> O próprio apóstolo mostra como essa demonstração de amor é sem precedentes ao apresentar duas situações em que alguém se disporia a morrer por outra pessoa. Numa delas, é dito que poucas pessoas se voluntariariam a morrer por um justo, e talvez mais pessoas se animassem a morrer por alguém bom, porém, “não se achará ninguém que esteja disposto a morrer por um ímpio, como Cristo o fez”.<sup>51</sup>

Na sequência, a argumentação de Paulo se desenvolve do nono até o décimo primeiro versículo, a partir dos quais, segundo Hodge, é possível fazer a inferência da salvação definitiva dos cristãos. Como esse teólogo resume, “se Cristo morreu por seus inimigos, certamente salvará seus amigos”.<sup>52</sup> Ou seja, se o amor de Cristo foi demonstrado aos seres humanos em seu estado de pecado, é evidente que ele continuará a ser demonstrado agora que eles foram elevados ao estado de filhos de Deus.

Uma análise semelhante é feita por Murray, que diz:

Estes versículos contêm um argumento *a fortiori* no sentido de que, se uma coisa é verdadeira, quanto mais verdadeira será a outra. No versículo 9, a premissa estabelecida é que agora somos “justificados pelo seu [de Jesus] sangue”, e a inferência disso é que, com maior certeza, seremos salvos da ira por intermédio dele. A premissa do versículo 10 é que fomos reconciliados com Deus, por meio da morte de Cristo, quando ainda éramos pecadores; e a inferência é que, com maior certeza, seremos salvos pela vida de Cristo.<sup>53</sup>

Esse teólogo também explica que a vida de Cristo mencionada nesses versículos não se refere à sua peregrinação terrena durante o período da encarnação, mas à sua vida ressurreta.<sup>54</sup> Calvino também suporta essa ideia, afirmando que a eficácia da vida de Cristo é acrescentada à virtude de sua morte.<sup>55</sup> Dessa forma, a justificação, baseada na morte e ressurreição de Cristo, fornece ao cristão a certeza do amor de Deus, que, por sua vez, lhe garante a certeza da salvação futura.

Por fim, como o próprio apóstolo conclui no décimo primeiro versículo, essa certeza futura já pode proporcionar a alegria presente, pois o estado de reconciliação pode ser desfrutado desde já. Como é sintetizado por Pohl, “o agora dos reconciliados não representa

---

<sup>48</sup> STOTT, 2000, p. 168.

<sup>49</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 228.

<sup>50</sup> MURRAY, 2018, p. 219.

<sup>51</sup> CALVINO, 2014, p. 213.

<sup>52</sup> HODGE, 2019, p. 155.

<sup>53</sup> MURRAY, 2018, p. 221.

<sup>54</sup> MURRAY, 2018, p. 227.

<sup>55</sup> CALVINO, 2014, p. 212.

uma espera vazia num recinto vazio, mas está cheio de experiências espirituais da graça presente”.<sup>56</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nestas análises feitas no texto de Romanos 5.1-11, é possível concluir que a justificação pela fé não é uma benção isolada, mas é um canal a partir do qual Deus derrama muitas outras graças sobre aquele que deposita a sua fé em Cristo. Essas graças, que podem ser chamadas de benefícios e frutos da justificação, consistem na paz com Deus, no firme acesso à graça de Deus, na alegria em todas as circunstâncias, tanto na esperança da glória de Deus quanto em meio às tribulações, e na certeza do amor de Deus, que é comprovado pela prova subjetiva, a ação do Espírito Santo na consciência do cristão, e pela prova objetiva, o sacrifício expiatório de Cristo. Diante de tudo isso, pode também ser destacada a importância do aprofundamento teológico nas doutrinas bíblicas por parte de todos os crentes, para que cresçam no conhecimento da excelência da obra de justificação realizada por Cristo e de todos os benefícios e frutos que dela decorrem.

## REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Tradução de Odayr Olivetti. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

**BÍBLIA Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo. Vida Nova, 1979.

CALVINO, João. **Romanos**. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos. Fiel, 2014.

FERREIRA, Franklin e MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HENDRIKSEN, William. **Romanos**: Comentário do Novo Testamento. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo, Cultura Cristã, 2001.

HODGE, Charles. **Romanos**. Tradução de Sharon Barkley. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2019.

LLOYD-JONES, Martyn. **Romanos**: Exposição sobre capítulo 5 – a certeza da fé. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 2000.

MURRAY, John. **Romanos**: comentário bíblico. 3.ed. Tradução de João Bentes. São José dos Campos: Fiel, 2018.

---

<sup>56</sup> POHL, 1999, p. 94.

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: Comentário Esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1999.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêdia e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000.

WATERS, Guy. **O que é a justificação e a santificação?** São José dos Campos, 20 abr. de 2017. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-que-e-a-justificacao-e-a-santificacao/>. Acesso em: 15 mai. 2022.